

um romance (!!) em que quase nos um nível a  
 pensar: "Um vencedor", a história de um jovem  
 teconerata no pós-25 de Abril. A ideia é boa, mas  
 não parece ter "unhas" (ainda que tivesse tempo)  
 para ela. É pena, pois é óbvio que nenhum  
 escritor conhece suficientemente o "milieu" em  
 causa para poder fazer-lhe com alguma solidez.  
 Digamos que os prospects "para os próximos anos" ...

Mas 1985 foi um "frank ano" efectivamente:  
 cada um nos sentiu mais próximo de Manuela, sente  
 que cada um nos sente "parte um do outro".  
 Escrivemo-nos pequenos "neurógenos", mas os  
 meus longos cartas, olhamo-nos, trocamos-nos,  
 amemo-nos - entrecruzamo-nos, entrelaçamo-nos.  
 Somos.

Entretanto, a Marta começa o seu percurso,  
 torna-se uma mulher: é simplesmente emocionante.

Enfim, "faz bem ou faz mal", foi este o ano  
 de primeiro relacionamento com o "mundo" dos  
 computadores. Interessante, mas não ousa  
 dizer "apanha-nos". Um passo apenas para

melhor me aperceber de que me rodeia.

Costa, 3.1.86

Há muito que pensava contar nestas páginas a história de minha passagem de CEF para a Sid. surge em 1958, já que é exemplar de que é "Tantos homens como mercadorias" (esta há de esquecer-se: em a "época de ouro" de maximo, bateram-se fora alguns preciosos lábios...), e por temer algum dia vir a esquecer-me dos seus "se-  
lhosos" pormenores. Ao fim de 25 anos, creio  
me ter esquecido ainda nada de essencial.

Um artigo que fizera em 1955 (nas férias de 5º ou 6º ano de IST) em empresas stier-  
gizas francesas tornou-me um "afixado" desta indústria ainda inexistente em Portugal, mas  
já antes <sup>afixado</sup> em <sup>afixado</sup> laços com o país. Ao sair de Estoril em Janeiro de 58 tinha de  
empregar imediatamente, foi o meu pai tirar  
de casa em 1957 e tornou-se indispensável garantir  
o necessário para sustentar a família. Eu me-  
mente, tive de aceitar o convite de CEF  
- que o fazia sempre ao melhor aluno de curso

experiência, a quem atribuída uma Prémia. Foi, pois,  
 trabalhar para o Barrão, para a Zona Não-Ferro-  
 sas, sob o chefe do Eng. Teixeira Lopes (com quem  
 ainda hoje mantenho as melhores relações). Depois  
 de uma passagem pela Laboratório de Cimento & Portland  
 de Zona, onde nada foi de muito interessante,  
 passei à fábrica de silicatos de sódio, recém-  
 -rearrançada para uma capacidade. Entrei em  
 Larnes e tive de alugar uma casa no Barrão  
 (as que eram, aliás, obrigadas antes os engenheiros  
 de fábrica). Tive uma pequena fábrica à ~~minha~~<sup>minha</sup>  
 responsabilidade - era já bem mais interessante,  
 mas a "vida no Barrão" estava longe de me ali-  
 cear.

Por volta de Abril/Maio, a Siderurgia Nacional  
 começa a seleccionar engenheiros para ir ao es-  
 tado para fazer a Alemanha e os futuros quadros  
 da fábrica de Seixal. Os meus colegas horrores  
 e Tevaros - à minha custa, o "mole" Torpe -  
~~se~~ candidatarão e saí de imediato eralho de.

Põe-se-me um problema grave "de consciência",  
 pelo primeiro a último vez, aliás: será correcto,

Também está convidado pelo CDF, sair (ou talvez  
sair) ao fim de 3 meses, só porque me  
interessava mais trabalhar no Instituto exterior.  
Sicil de que me interessa quicença? Que fa-  
zer?

Acidir et saber que hipóteses terá no SN.  
Recebiu pelo Sr. Etério Marques, depois de  
a minha situação e o meu interesse. Ao  
que me respondeu que estaria interessado,  
mas que, daí restava-se um fim de negocia-  
ção delicada entre o SN e o CDF para  
o fornecimento de cédulas de pirite (a subordi-  
nação e o dolo fiscal entre as duas famílias  
Muller - Champagnaud), só me admitiriam  
se fosse possível assegurar que o CDF não se  
oporia à minha saída. Fiquei de o  
informar sobre este ponto.

Vi-me obrigada a "abrir o fogo" no Sup.  
Tribunal Lopo, e pedir-lhe "conselhos". Confreco-  
deu perfeitamente a situação, e disse-me  
que só havia uma solução e pedir uma

audiência ao Dr. Jorge de Suello, o "big boss". Que ele era uma pessoa muito acessível e que certamente entenderia o meu caso e não poria obstáculos.

Aí vou eu à Rua de Comércio, onde esta funcionava o escritório-escritório da CEF, e saíço ser recebido rapidamente.

Jorge é cidadão empolgado, ele me vejo no enorme gabinete de seu escritório, e quem abre imediatamente a porta para mim, sem quaisquer subterfúgios ou rodeios. Ele me, Sr. Ex<sup>o</sup>, entra de imediato no carácter: "Se me interessa tu na CEF empolgado cujo objectivo seja fazer carreira na empresa e subir aos mais altos cargos. Gente ambiciosa, que trabalha para "vencer"!"

Ora, já que me diz, mas é este obviamente o seu caso: ao fim de pouco tempo, já já a hospitalidade de sair... Portanto, mas a propósito, não lhe porci quaisquer dificuldades. Pelo contrário, dou-lhe total e liberdade: a partir deste momento pode considerar-se despedido! A certeza de não mais do que isto, até Jorge

apareceu entretanto o Sr. Daniel Berboza, então  
administrador do CEF (em - função "Daniel  
de Freitas" de imediato pós-guerra), que  
me conhecia de tempo das lutas em Torres  
de Boreto 40500, que esteve de lado  
dos estudantes no debate no plenário nacional.

De qualquer modo, embora surpreendido, não  
fiquei excessivamente preocupado, pois que se  
me abrissem, por este inesperado via, a  
partir do Saborio Nacional.

Li que começara ao Sup. Etício Marques  
a minha disponibilidade, ~~que~~ que também,  
embora de forma brutal, a intenção do CEF  
de nos criar dificuldades à minha passagem  
para o SN. Registre e diga que já fiz  
seguir a candidatura. Que telefonar dei  
uns dias, pois já deve haver uma decisão  
favorável.

Assim foi, tendo me ~~o~~ pedido que fosse  
fazer com ele. Encontrei-o bastante enfado,  
e não era caso para menos. Segundo me informou,  
o Dr. José de Paula, me seguira de perto

entrevista, escrever ao Champalimaud a propor-lhe um "gentlemen's agreement": que nenhuma empresa aceite o pessoal proveniente de outra, a começar por ex. Sny. Martins Pereira... Assim sendo, nada feito!

Deste vez, fiquei mesmo desempregado. E não podia estar nessa situação por muito tempo. Felizmente que, na altura, não havia problemas de emprego para quem não quisesse, em particular bem classificados. Pus-me logo em contacto com o Prof. Herculano de Carvalho, este a apurar a nome empresa Soc. Lda. de Petroquímica. Logo veio para conversa, decorreu umas 3 semanas, ao fim do qual o Herculano me deu ir para a Administração e minha candidatura, e que seria aprofundar as dificuldades.

Um ou dois dias depois, telefonou-me o Est. ao Marques para me ler. Deste vez, o homem parecia mesmo o "jeanito" que, aliás, sempre foi: "Sebe, Martins Pereira, a situação está bastante melhor. Você está desempregado, mas se pode dizer que a SNI o foi buscar à CUF... Estávamos interessados em admiti-lo, com este de acordo..." Nessa altura, tinha

pelo primeiro vez, ~~foi~~ "fui adulto", ad  
dei se no melhor de me por sentido: se o que  
verdadeiramente me interessa é trabalhar em  
Sintergia, ir fazer um longo estágio no estran-  
geiro, libertar-me da tutela materna, etc etc.  
por que me hei-de acatar, por que prender-me  
com pretensas orgulhos? E acatou, jurando  
a mim mesmo naquele momento que sairia  
de SN no dia em que terminasse o contrato  
de 4 anos que me propunham. E assim: que  
tudo fazia para ~~isso~~, no fundo o prazo,  
ter atingido uma posição de responsabilidade  
tal que me fosse indiferente à SN a  
minha saída.

Assim se passaram os anos exatamente.  
Assinalo o contrato em 24 de Agosto de 1958,  
dentro a SN em 24 de Agosto de 1962,  
como Chefe de Serviço. O Acariz é um  
dos mais "considerados" engenheiros da  
empresa. Mas reconheço que um ponto não  
foi cumprido: na realidade, não o  
conjunto de engenheiros que haviam estagiado



no estrangeiro, mas julgo ter feito grande falta à SN. Mas, pelo menos, o assunto estava arrumado, e logo me apareceu o emprego para a Venezuela e, com isso, a possibilidade de ir depois passar um ano a Paris.

A fativen sempre pensou que eu me empenhei, muito mais tarde, na nacionalização da SN em forma de "vingança retórica" em relação ao Champalimoud. Pelos que estava errada (até porque a minha maior razão de fúria era contra - Nello, afinal). O que aconteceu, sou Nello, e' que este curioso episódio me "abriu os olhos" para o que são "relações de trabalho" e me pôs na senda das minhas futuras preocupações sociais, da minha manifestação, etc. O que me quer dizer que, além das relações políticas, me me lembro facilmente de algum prazer pessoal.

- "despedimentos" dos meus dois outros filhos,
- e o papel que deles, um pouco por acaso, desempenhei.